

AMBIENTALIZAÇÃO DO/A PROFESSOR/A HOMOSSEXUAL NO ESPAÇO ESCOLAR

Prof.^a Dr.^a Paula Regina Costa Ribeiro – FURG

Prof.^a MSc. Guiomar Freitas Soares - FURG

Msn. Felipe Bruno Martins Fernandes – FURG

Bolsista Liani Machado – FURG/CNPq

Resumo:

A discussão das identidades sexuais têm ocupado um importante espaço hoje nas diversas instâncias sociais, principalmente, aquelas consideradas “anormais” como a homossexualidade e a bissexualidade, visto que, na nossa sociedade a identidade concebida como “natural”, “normal” e “universal” é a heterossexualidade. Em função da importância que essa temática adquiriu na nossa sociedade, nesse trabalho, buscamos ver e entender como a sexualidade tem sido tratada no ambiente escolar, considerando que a percebemos como uma construção histórica e cultural. Examinamos narrativas de professores gays e de uma professora lésbica a fim de conhecermos como se dá a ambientalização dos mesmos na instituição educacional. Nessa pesquisa optamos pela investigação narrativa por ser um campo de possibilidades interpretativas para a pesquisa educacional, em especial no campo da constituição e formação dos sujeitos. Ao analisarmos as narrativas desses professores/as surgiram vários registros de episódios sobre a questão da construção da identidade sexual desses indivíduos. Entre as histórias que contam, há várias recordações sobre como se “perceberam homossexuais”, como foi serem adolescentes homossexuais e como hoje eles assumem essa identidade no espaço escolar como professores/as.

Palavras-chave: professor/a, homossexualidade, escola.

Introdução

Estamos no início de um novo século, ocasião em que a sociedade em geral vem tornando visíveis as diferenças e multiplicidades que a caracterizam, razão porque questões relacionadas com corpo, gênero e sexualidade têm ocupado uma significativa centralidade nas diversas instâncias culturais. A mídia, por exemplo, através das novelas, filmes, revistas, programas de auditório tem mostrado e debatido as identidades sexuais, principalmente, aquelas consideradas “anormais” como a homossexualidade e a bissexualidade, visto que, na nossa sociedade a identidade concebida como “natural”, “normal” e “universal” é a heterossexualidade.

A escola, no entanto, tradicionalmente espaço da normalização e do ajustamento, tem ficado a margem desse debate, não fala das identidades sexuais, por considerar/entender que existe uma única forma de sexualidade, que essa temática é uma questão privada, difícil de ser abordada. Sabemos o quanto a escola exerce uma pedagogia da sexualidade, como coloca Epstein e Johnson (2000, p. 14) as escolas

são lugares onde se desenvolvem, se praticam e se elaboram de forma ativa a identidade sexual e as de outro tipo. Ali os alunos se “escolarizam”, como seres sexuados e de distinto gênero, porém também os professores e, em menor grau, outros participantes (pais, mães, sobretudo, e outros responsáveis pelas crianças, por exemplo). A identidade sexual e outras identidades sociais, assim como as diversas formas de vida, se produzem em relação com as ofertas culturais e as condições institucionais da escola. A produção da identidade que se fundamenta

na escola nunca é definitiva, nem pode abranger toda a vida (nem sequer a sexual), porém também é verdade que pode produzir nos indivíduos conseqüências duradouras e de efeitos múltiplos.

Nesse sentido, desde 2000 o Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola tem buscado, junto às instituições educacionais da rede pública do município de Rio Grande, investigar discursos e práticas relacionadas à sexualidade, no ambiente escolar, na tentativa de compreender como as mesmas atuam na constituição das identidades de gênero e sexuais, das configurações familiares, do prazer, do desejo, das DST/AIDS.

Em função da importância que essa temática adquiriu na nossa sociedade, o Grupo de Pesquisa começou a questionar sobre como se dá o processo de interação do professor/a homossexual na escola. Como eles/as percebem os processos que disciplinam/disciplinaram seus corpos no espaço escolar? Como ocorrem as relações destes indivíduos com os colegas-professores/as, alunos/as e direção da escola? Como suas identidades são veladas ou reveladas? Como se deu o seu processo de escolarização? A partir desses questionamentos buscamos nessa pesquisa conhecer como se dá a ambientalização do/a professor/a homossexual na instituição educacional.

Tecendo breves considerações sobre homossexualidade

Embora com muito pouca visibilidade no contexto social, a homossexualidade tem sido objeto de reflexões e estudos empreendidos por médicos e higienistas desde o século XIX. As pesquisas acadêmicas, porém, cingiam-se as buscas de medidas sanitárias e repressivas que visavam eliminar ou reduzir os efeitos “perniciosos” da presença dessas pessoas na sociedade (GÓIS, 2004). Esse discurso médico apontava o homoerótico como um indivíduo “doente”, portanto sujeito a tratamento e possivelmente a cura. Com o passar dos anos e o surgimento de outras possibilidades de pensar a homossexualidade, mudança considerável ocorreu na análise dessa questão. Tornou-se pontual buscar estratégias voltadas à supressão da opressão enfrentada pelos homossexuais, e não mais as origens e causas de seu modo de ser e das suas supostas conseqüências “maléficas”. Percebe-se hoje, uma maior aceitação com relação às essas práticas, no entanto, de acordo com o pensamento de Foucault (1982, p. 4) “continuamos a pensar que algumas dentre elas insultam a “verdade”: um homem “passivo”, uma mulher “viril”, pessoas do mesmo sexo que se amam...”. Mesmo que não nos deixemos envolver pela idéia de que elas possam constituir uma ameaça à ordem constituída, temos que concordar com o autor, quando ele afirma que “estamos sempre prontos a acreditar que há nelas algum ‘erro’” (id.).

Segundo Louro (2004) a homossexualidade e o homossexual são invenções do século XX. Tal afirmação prende-se ao fato de que em épocas anteriores o relacionamento amoroso entre pessoas do mesmo sexo era considerado pecaminoso, qualificado como sodomia, ato ao qual, qualquer pessoa poderia sucumbir. Essa concepção mudou, radicalmente, com o passar dos tempos, sendo que a pessoa reconhecida como homossexual passou a ser definida como sujeito especial, marcado e categorizado como um desviante e nesse sentido um segregado. Embora assim definidos e reprimidos pelas autoridades policiais, sanitárias, religiosas e grupos conservadores, homens e mulheres homossexuais, ainda que de forma um pouco tímida, vêm lutando por visibilidade e respeito no contexto social.

Spargo (2004, p. 27) coloca que para Foucault a categoria de homossexual “surgiu a partir de um contexto específico na década de 1870 e que, a semelhança da sexualidade, é preciso considerá-la uma categoria construída

do conhecimento, e não uma identidade descoberta”.

Para Louro (2004, p.30), “a homossexualidade produzida através do discurso”, tornou-se questão social relevante, gravitando, porém, entre a acepção de “anormalidade” ou “inferioridade” apontada por uma facção, e de “normalidade” ou “naturalidade” defendida outros.

No Brasil os movimentos de organizações homossexuais ainda não ganharam uma visibilidade, se compararmos com o de outros países como os Estados Unidos e a Inglaterra. Nos anos 70, por exemplo, algumas manifestações culturais começam a aparecer (revistas, jornais, teatro, música) e a mexer com a opinião pública, porém, conforme estudos de Green (2000), foram abortadas pela repressão do governo militar. Segundo o pesquisador (p.157), existia, na época, toda “uma subcultura gay em formação e uma contracultura brotando que já começava a questionar os papéis rígidos de masculinidade e feminilidade”. O processo de abertura política, que começou a se encaminhar, ocorreu de forma lenta, se refletindo em todos os setores e afetando todas as iniciativas contrárias à norma então vigente. Nesse contexto, as organizações que congregavam grupos homossexuais sobreviveram praticamente na clandestinidade. Nos anos 80, porém, a temática passa a constituir questão de pesquisa acadêmica e, esse fato, associado ao discurso que defendia a positividade da homossexualidade favoreceu a construção de novas mentalidades relacionadas à essa questão. A maior visibilidade do movimento de gays e lésbicas se insinuava na sociedade e as reações já não se caracterizam de forma tão homofóbica quanto antes. No entanto, como denuncia Green (2000) na sua pesquisa sobre a história da homossexualidade no Brasil, embora a homossexualidade masculina tivesse acesso ao espaço público, para as mulheres essa era uma situação inviável. Segundo nos narra o pesquisador, as lésbicas não poderiam sequer se encontrar na rua. Aquelas que tivessem melhor condição econômica organizavam festas e reuniões em suas próprias casas e as mais pobres se masculinizavam para conquistar seu espaço e se impor dentro da sua comunidade. Esse relato nos leva a refletir como a homossexualidade é atravessada por dimensões de classe, de gênero, de etnicidade, de raça, de nacionalidade e etc. Daí a pluralização das lutas, isto é, enquanto uns buscam a integração social, outros, como as lésbicas, pelejam pela construção de comunidades próprias. Embora discordantes, são vozes ouvidas que repercutem.

O advento da AIDS, nos anos 80, determinou a intensificação do preconceito contra os homossexuais e a própria homossexualidade masculina acabou por se transformar num sinônimo da doença, conhecida nos meios científicos e na imprensa como *câncer gay*, *peste gay* ou *peste rosa*. A homofobia a partir daí mostrou-se com enorme crueldade, mas em contraposição a tragédia da AIDS, constitui-se também numa motivação para que as organizações homossexuais se mobilizassem e a própria sociedade buscasse as informações necessárias para o esclarecimento da população com relação às formas de transmissão do mal, sobre sexo seguro e também quanto a promoção dos direitos humanos e da solidariedade como princípios básicos do trabalho de prevenção.

No Brasil, como em todo mundo, gays e lésbicas recrudescem suas lutas por sua inclusão no contexto social. Mas conforme Louro (2004), as várias tendências que começam a emergir ocasionam cisões no movimento, pois, enquanto uns buscam respeito, reconhecimento, legitimação e inclusão social, outros desafiam as fronteiras de gênero e sexuais levando a política de identidade homossexual a uma crise. E, é diante dessa realidade que a autora (id., p.38) argumenta pela necessidade “de afirmação de uma política e de uma teoria *queer*”.

Queer significa estranho, esquisito, extraordinário e sem dúvida tem um sentido pejorativo com que são

designados os gays e as lésbicas. Segundo Louro (id., p.47) “*queer* é uma teoria que permite pensar a ambigüidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação”.

Segundo Spargo (2004) a teoria *queer* não é um marco conceitual ou metodológico, mas sim uma rede de articulações entre o sexo, o gênero e o desejo sexual. Segundo a autora “na teoria, o *queer* está em perpetua discordância como o normal com a norma, seja esta a heterossexualidade dominante ou a identidade gay/lesbiana” (p.53).

Articular a teoria *queer* com educação não é tarefa fácil, na medida em que esta é o espaço do disciplinamento, da regra e aquela da transgressão, da contestação. Pensar *queer* tem a ver com questionar, com problematizar e aí reside à importância de uma pedagogia e um currículo *queer*, pela perspectiva de tentar desconstruir o processo pelo qual alguns sujeitos se tornam “normalizados” e outros “marginalizados”. Ela perturba as formas convencionalmente previstas de pensar e de conhecer, daí ser considerada provocativa, perturbadora (LOURO, 2004).

O desprezo pelo/a homossexual ainda é conduta “normal”, “corriqueira” em nossa sociedade. Nesse sentido, nos questionamos quanto à vivência e às relações daqueles/as assim identificados, ao desenvolver atividades profissionais numa instituição educacional, em geral organizada dentro de normas convencionais.

Tecendo as estratégias metodológicas: a investigação narrativa

As pesquisas na área educacional têm seguido, nas últimas décadas, os mais variados tipos da abordagem qualitativa, tendo como um dos objetivos estabelecer a interação do pesquisador com o sujeito pesquisado e seu contexto sócio-cultural. Essas abordagens defendem a idéia de que o homem só pode ser compreendido dentro de uma determinada situação cultural, num certo espaço, numa certa época. Dentre as abordagens qualitativas, optamos pela investigação narrativa.

Connelly e Clandinin (1995) situam as narrativas em uma abordagem qualitativa, uma vez que tal investigação está baseada na experiência vivida e na qualidade de vida e de educação dos sujeitos da pesquisa, e destacam que: “a narrativa e a vida vão juntas e, portanto, o atrativo principal da narrativa como método é sua capacidade de reproduzir as experiências da vida, tanto pessoais como sociais, de formas relevantes e cheias de sentido” (id., p.43).

Os autores, no uso da narrativa na investigação em educação afirmam que os seres humanos são “organismos contadores de histórias, organismos que, individual e socialmente vivem vidas relatadas. O estudo da narrativa, portanto, é o estudo da forma como os seres humanos experienciam o mundo” (p.11). Esse é um processo complexo, que requer um outro olhar para a pesquisa, pois quando recontamos as histórias de experiências passadas as recontamos tal como se refletem em experiências presentes. Assim, tanto as histórias como seus sentidos vão sendo (re)elaborados ao longo do tempo, a partir de formas distintas de interpretá-las.

Ao optar por esse tipo de investigação entendemos que as narrativas são construídas e reconstruídas em relação a textos – da família, da igreja, da escola, da mídia, da medicina, da psicologia, entre outros –, pois a narrativa da experiência de si é incorporada a partir das vivências e suas relações e “não é algo que se produza em

um solilóquio, em um diálogo íntimo do eu consigo mesmo, mas em um diálogo entre narrativas, entre textos” (LARROSA, 1994, p.70).

Neste campo metodológico, segundo Connelly e Clandinin os métodos de coleta dos dados são variados. Para esta pesquisa estamos utilizando entrevistas individuais abertas com professores/as homossexuais que trabalham em escolas do município de Rio Grande/RS. Como a pesquisa está em andamento até o presente momento entrevistamos três professores gays e uma professora lésbica. Os três professores trabalham, em média há 6 anos em escolas públicas de Ensino Fundamental (5^a a 8^a) e Ensino Médio nas áreas de Química, Biologia e Português, como também em cursinhos pré-vestibular. Suas idades variam de 26 a 28 anos. A professora lésbica possui 26 anos e trabalha em uma instituição privada - cursinho pré-vestibular, nas áreas de Português e Literatura Brasileira.

Tecendo narrativas de professores/a homossexuais

Ao analisarmos as narrativas desses professores/a surgiram vários registros de episódios sobre a questão da construção da identidade sexual desses indivíduos. Entre as histórias que contam, há várias recordações sobre como se “perceberam homossexuais”. Esses professores comentam que desde criança mostravam interesses por coisas que na nossa sociedade são ditas próprias do sexo oposto: *Nossa, acho que quando eu era criança, cara. Acho que assim ó, eu sempre senti esse lado que eu não sabia o que era na real e tal, desde pequeno eu sempre gostei do lado da força feminina, assim, tipo as minhas grandes ídolas eram a mulher maravilha, a mulher biônica essas coisas assim, só que eu não sabia o que era ser homossexual* (P. gay). Mas todos destacaram que foi na adolescência que começaram a assumir essa identidade, porém eles falam que foi muito difícil, pois aprenderam que a sexualidade “normal” era a heterossexualidade, por isso, se sentiam os “anormais”: *Acho que com 12, 13 anos eu me percebi homossexual. Porque eu tive uma experiência homossexual e gostei* (P. gay). *Olha, na verdade assim ó, desde criança que eu já despertava o interesse pelo sexo feminino. Aos 14, 15 anos eu já tinha minha primeira namorada* (P. lésbica). *Só que foi muito dolorido porque eu custei a me aceitar, eu achava que só eu no mundo era assim, tipo eu era o errado, deus tinha errado comigo, porque que deus tinha feito isso, tinha um monte de noia assim na minha cabeça. Entendeu? Eu não me aceitava* (P. gay).

Ao narrarem suas memórias escolares na adolescência emergiu o quanto essa instituição por suas imposições e proibições não possibilita que as identidades gays e lésbicas se tornem visíveis, determinando uma ocultação dos comportamentos delas provenientes. Como coloca o P. gay: *Na realidade é complicado conviver com pessoas que não eram homossexuais e por ser homossexual eu me reprendia bastante em função dos meus colegas e professores*. Os professores destacaram que quando seus corpos expressavam de forma mais evidente sua sexualidade eles sofriam vigilância, assédio, repressão, pois seus comportamentos eram considerados desviantes de acordo com a norma vigente: *Assim ó, a partir da quinta série que foi complicado porque na quinta série eu acho que os outros guris, entende, percebiam que eu era tipo jeito afeminado e tal e tinha aquelas coisas da brincadeira do banheiro ficavam me mostrando o pênis e pá e era complicado assim* (P.gay). *A gente sempre escuta uma piadinha de alguém...Tipo, ah, porque ela gosta de mulher, e, ela tem que gostar de homem, coisas assim* (P. lésbica).

Uma das narrativas importantes trazidas por todos os sujeitos entrevistados foi quanto à questão de se assumirem, no espaço escolar, enquanto professores gays e professora lésbica. Eles colocaram que assumem essa

identidade em vários ambientes: *Eu sou assumido em todos os ambientes, minha família sabe, meus amigos sabem, claro que eu não dou um cartãozinho aqui ó, eu sou o S. gay, mas todo mundo que convive comigo, sabe quem eu sou porque eu não tenho que usar mascaras, entendeu?* (P. gay). Porém, destacam que na escola essa questão parece ser ainda velada, ou seja, todos “suspeitam” ou “sabem” que esses sujeitos são homossexuais por suas aparências, modos de falar, andar e agir, mas esta não é uma questão aberta. Como coloca a professora: *Olha, eu nunca falei em aula porque eu acho que não cabia, mas se algum me perguntasse com certeza entraria no assunto, mas pela aparência.* Ou como diz o professor: *Não sei se os pais sabem. Mas a diretoria, os pais me olham com uma cara diferente, isso eu já percebi. Então os pais, tipo, eles te olham com uma cara diferente e eu vejo cochichos.*

Apenas um professor destacou que teve problemas com os alunos/as na escola: *Já tive problemas, assim, no meu 1º ano de serviço de Ensino Fundamental, perguntando, falando, tens que ser mais macho, essas coisas, né, não é homem suficiente. E eu disse o seguinte: Eu sou homem o suficiente para estar aqui, por ter passado num concurso. Passei em 1º lugar. Estou aqui e um macho pra mim não é simplesmente um pênis. Enfrentei barreiras na própria escola por ser gay* (P.gay).

Porém houve uma certa unanimidade quanto ao serem respeitados na escola: *Sempre fui muito respeitada porque eu respeito muito as pessoas.* Parece que existe um discurso construído da tolerância e do respeito para com a diversidade sexual. Para Silva (2004, p. 96) “por mais edificantes e desejáveis que possam parecer, esses nobres sentimentos impedem que vejamos a identidade e a diferença como processos de produção social, como processos que envolvem relações de poder”.

Os professores colocaram que o assunto da homossexualidade não era abordado na escola enquanto eles eram estudantes, apenas a professora colocou que o assunto foi tratado na aula de psicologia, mas que hoje eles buscam tratar dessa temática em suas práticas escolares. *Não me lembro de ter tido isso. Depois no curso de biologia me preocupei com isso e fui fazer no meu estágio eu fiz um curso, um curso de sexualidade que eu apliquei numa escola. Ai sim, ai eu trabalhei com esses assuntos. Mas nunca ninguém trabalhou com isso* (P. gay). *Olha, no meu primeiro grau, nunca nenhum professor, nenhum colega, tocou no assunto. Mas no segundo grau, eu fiz magistério, a professora de psicologia tocava muito nesse assunto* (P. lésbica).

Essa pesquisa tem nos possibilitado repensar as identidades sexuais e estabelecer ao mesmo tempo uma articulação com a identidade profissional, neste caso, de professores/as. Pela narrativa dos envolvidos na pesquisa, eles se assumem no contexto social em que vivem, como gays e lésbica, no entanto, a escola ainda é o local, por sua estrutura, organização e conservadorismo, em que todos ficam bastante reticentes, com relação a sua identidade sexual. Percebem que são “definidos” como tais, mas esta não é uma questão a ser tratada no grupo. Constata-se na escola, pelas narrativas dos participantes da pesquisa, um silenciamento bastante acentuado com relação aos professores homossexuais e seu modo de viver.

É interessante esta constatação, na medida em que vivemos num momento significativo, onde teóricos/as buscam romper com a lógica binária – heterossexualidade e homossexualidade, e seus efeitos – a hierarquizarção, a classificação, a dominação e a exclusão (LOURO, 2004). Pretendem eles, através dessa oposição, instigar o repensar as práticas sociais que dão sentido à sociedade dos nossos dias, e que estão calcadas no regime de

poder/saber. Essa é uma forma de pensar *queer*, que também se estende à cultura, ao conhecimento, ao poder e à educação, e, portanto, à escola. Não se trata apenas da luta contra as manifestações homofóbicas, que, inevitavelmente, também ocorrem nas instituições educacionais, mas, principalmente, do aproveitamento desses espaços como local para o processo de produção das diferenças e como diz Louro (2004, p.48) para trabalhar, “centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidade”.

Referências Bibliográficas

CONNELLY, S. M. e CLANDININ, D. J. Relatos de experiencia e investigación narrativa. IN. LARROSA, J. et al. **Dejáme que te cuente**. Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Laertes, 1995, p.11-59.

EPSTEIN, D. e JOHNSON, R. **Sexualidades e institución escolar**. Madrid: Morata, 2000.

FOUCAULT, Michel. O verdadeiro sexo. In BARBIN, Herculine. **Herculine Barbin**. O diário de um hermafrodita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

GATTI, José. Mais amor e mais tesço: história da homossexualidade no Brasil. Entrevista com James N. Green. **Revista de Estudos Femininos** vol 8 n.2 Centro de Filosofia e estudos Humanos-UFSC, 2000.

GOIS, João Bosco Hora. Desencontros: As relações entre os estudos sobre homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. In CARVALHO, Marie Jane Soares e ROCHA, Cristianne Maria Famer (orgs.) **Produzindo Gênero**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e educação. In: **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994. p.35-86.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. IN: _____ (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2004.

SPARGO, T. **Foucault y Teoria Queer**. Madrid: Morata, 2004.